

O RIO DE JANEIRO DE 1860 PELA REVISTA SEMANA ILUSTRADA: O PROGRESSO, OS ESPAÇOS PÚBLICOS E OS TRABALHADORES

The Rio De Janeiro Of 1860 By The Magazine Semana Ilustrada: The Progress, Public Spaces And Workers

Renan Rivaben Pereira

Aluno do Programa de Pós-Graduação em História (mestrado) pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP

renanpereira10@hotmail.com

Resumo

No início da década de 1860, com os lucros do café e a supremacia do poder senhorial, o Império do Brasil aspirava prender-se de vez na rabeira do progresso. No Rio de Janeiro, os homens, vestidos “à inglesa”, e mulheres, à moda francesa, aperfeiçoavam os seus requintes pelas *maisons* francesas que se multiplicavam pela afamada Rua do Ouvidor. A nova folha ilustrada da Corte, a *Semana Ilustrada* (1860/1876), consumida por estes que, admiravam as óperas italianas e riam nas peças cômicas no teatro Ginásio, não raras vezes reprovava as condições físicas e morais das áreas urbanas da cidade e daqueles que não frequentavam os bailes do Clube Fluminense e do Botafogo, como as quitandeiras das praças de comércio, as lavadeiras do Campo de Sant’ana e os vendedores ambulantes e pretos de ganho da estação ferroviária D. Pedro II.

Palavras-chave

Semana Ilustrada, progresso, espaços públicos

Abstract

*In the early 1860s, with the profits of the coffee and the supremacy of the seignorial power, the Empire of Brazil aspired to arrest up on the edge of progress. In Rio de Janeiro, the men, dresses “by English”, and women, by French fashion, had perfected their refinements through French stores that multiplied by famed Ouvidor Street. The new illustrated magazine of the Court, the *Semana Ilustrada* (1860/1876), consumed by those who, admired the Italian operas and laughed in the comic pieces of the Ginásio theater, not infrequently disapproved the physical and moral conditions of the urban*

areas and those who didn't attend the dances of the Fluminense's and Botafogo's Clubs, as well as stallholders of the market squares, Campo de Sant'ana's laundress and the hawkers and black gain of the D. Pedro II railway station.

Keywords

Semana Ilustrada, progress, public spaces

Entre 1840 e 1867, ou seja, antes da Guerra do Paraguai e no auge econômico e político do Império, o Brasil assistiu à inauguração da primeira estrada de ferro, que ligava a Corte a Petrópolis, enviou delegação para a Exposição Universal de Londres (1862) e algumas ruas do Rio de Janeiro ganharam iluminação a gás (1854). À noite, nos clubes e salões, discutia-se a trajetória da jovem nação na senda do progresso, como atestava a multiplicação das *maisons* francesas na afamada Rua do Ouvidor, com seus tecidos, perucas, lenços, sapatos, cosméticos, luvas e leques, que pareciam trazer consigo o poder de civilizar/domesticar o espaço urbano. (RASPANDI, 2011, p. 215)

Paris era, então, a capital cultural do mundo e, no Rio de Janeiro, suspirava-se por tudo o que fosse francês e não eram poucos aqueles que se "(...) vestiam, comiam, liam e pensavam como os franceses". (BETHEL, 2012, p. 153) Concomitantemente ao desfile do "belo sexo" e os flertes na Rua do Ouvidor, à proliferação das óperas italianas e das peças cômicas no teatro Ginásio, a imprensa, agora ilustrada, tornava-se mais uma oportunidade de distração, oferecendo aos leitores do Rio de Janeiro interpretações alternativas ao noticiário mais utilitarista das grandes folhas.

Entre 1830 e 1880, os termos "ilustrar", "ilustração" e "ilustrador" expandiram-se pelo globo e a prática de ilustrar tornou-se uma profissão especializada. (KAENEL, 1996 apud TELLES, 2010, p. 30) Nesse processo de "dessacralização da imagem", o humor foi um ingrediente importante. Para muitos, o caricaturista francês Honoré Daumier (1808/1879), com seu personagem de conduta pouco ortodoxa, Robert Macaire, foi um dos grandes precursores do encontro entre imprensa e humor. Denominado por alguns como o "século Macaire", o período foi marcado pela circulação internacional de textos, imagens, artistas e jornalistas que se valiam do cômico e da caricatura. (TELLES, 2010, p. 46)

Apesar da longevidade e importância de grandes jornais como o *Diário do Rio de Janeiro* (RJ, 1821/1878), *O Jornal do Comércio* (RJ, 1827/2013) e a *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875/1942), o Segundo Reinado é lembrado na história da imprensa pelo florescimento da reprodução de imagens e a circulação das revistas ilustradas humorísticas. (CARDOZO, 2009, p. 76) Ainda que exista polêmica no que diz respeito às primazias, é consenso que dentre as primeiras caricaturas desenhadas em terras brasileiras estavam as de Rafael Mendes de Carvalho e Araújo Porto Alegre, estampadas no semanário *A Lanterna Mágica* (RJ, 1844-1845). A revista *o Museu Universal: Jornal das famílias brasileiras* (RJ, 1838/1844) foi, segundo Rafael Cardoso, o primeiro grande projeto editorial no qual as imagens ocuparam papel de destaque.¹ Outros impressos ilustrados surgiram, caso d'*O Jornal das Senhoras* (RJ, 1852/1855), *Ilustração Brasileira* (RJ, 1854), *O Universo Ilustrado* (RJ, 1858/1859), *L'Iride Italiana* (RJ, 1854/1856) e *O Brasil Ilustrado* (RJ, 1855/1856), estes dois últimos com caricaturas de Sebastian Auguste Sisson. (MARTINS, 2008, p. 522) No entanto, o crescimento da circulação de revistas satíricas, do gênero da francesa *Le Charivari* (Paris, 1832/1937) e da inglesa *Punch* (Londres, 1841/1992), tornou-se mais perceptível a partir da década de 1860, que coincide com o surgimento da *Semana Ilustrada* (RJ, 1860/1876). (CARDOZO, 2011, p. 23/26) A baixo, na figura 1, segue a capa do primeiro número da revista.

¹ Cerca de mil ilustrações foram difundidas ao longo de sua existência, na sua maioria imagens produzidas em oficinas da Europa, que respondiam à demanda e ao interesse de consumo que os clichês despertavam no público local. CARDOZO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 20.



Figura 1 – A Semana Ilustrada começa sua viagem humorística pela América Meridional.

Fonte: *Semana Ilustrada*, ano 1, nº1, capa, 16 de dez. 1860.

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos as revistas ilustradas de humor e caricatura dividiram o mercado com os periódicos ilustrados noticiosos, que se utilizavam da impressão xilográfica e também da reprodução de fotografias pelo mesmo modo, aqui os ilustrados humorísticos, que se valiam da produção de caricaturas pelo processo litográfico,² foram unânimes. (ANDRADE, 2004, p. 52) A partir de 1850 e 1860, uma

² O processo de impressão litográfico pode ser explicado por Marçal Ferreira Andrade: "A litografia baseia-se na repulsão que a água tem pela gordura e vice-versa. Numa pedra calcária, o desenho é feito por lápis gorduroso (o chamado crayon litográfico) ou tinta, também gordurosa, aplicada a pincel ou caneta. Uma solução ácida fixa a gordura à pedra. A impressão é planográfica, realizada numa prensa litográfica que, assim como a prensa calcográfica, se compõe de uma "cama" com movimentos de vai-e-vem, onde se coloca a pedra. Sobre a pedra entintada é colocado o papel, bem liso, a receber a impressão e, por cima, um cartão de proteção. Antes de se proceder à entintagem, a pedra é molhada. A parte sem gordura absorve a água, ficando úmida, enquanto a parte engordurada repele-a. A tinta gordurosa é espalhada sobre a pedra por meio de um rolo, sendo retida apenas onde está traçado o desenho – que é onde a pedra se manteve engordurada. Nas partes da pedra sem desenho, que permanecem úmidas, a tinta é recusada. Embora as litografias sejam facilmente reconhecidas pela granulação característica – efeito causado pelo lápis desenhado sobre a pedra – é possível também imprimir chapadas, em traços ou planos, bastando para isso aplicar a tinta sobre a pedra, com pincel ou caneta, para obstruir completamente os orifícios da mesma. Já o *crayon*, dependendo da força com que é usado, penetrará mais ou menos na granulação da pedra, de forma que, ao se fazer a impressão, esta fica visível." ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 83.

imprensa ilustrada “caricatural” virou sinônimo de imprensa ilustrada em geral. Além dos fatores de ordem econômica e sociológica, a existência e vinda de grandes artistas, editores e empreendedores do humor caricatural litográfico, como os imigrantes Henrique Fleiuss, Rafael Bordalo e Ângelo Agostini, propiciaram um ambiente favorável para décadas de sucesso e boa aceitação de tais impressos.

Assim, no início dos anos de 1860, para as camadas que buscavam copiar os esplendores e costumes do Segundo Império francês e trocavam o rapé pela fumaça dos charutos, a revista *Semana Ilustrada* oferecia semanalmente oito páginas litografadas, quatro textuais e quatro imagéticas, e imprimia forte teor de ironia e jocosidade no tratamento de temas candentes. Ainda que no Rio de Janeiro a produção de imagens impressas e a circulação de periódicos de cunho humorístico não tenham começado com essa publicação, é fato que ela uniu, de forma inovadora, humor e ilustração, o que a consagrou como referência incontornável para outras do gênero.³ O responsável por esse empreendimento foi o prussiano Henrique Fleiuss, que com suas iniciativas no campo das técnicas de impressão desempenhou papel dos mais relevantes na imprensa oitocentista.

No dia 15 de julho de 1859, aportaram no Rio de Janeiro Carlos Fleiuss, Carlos Linde e Henrique Fleiuss, que trazia em mãos carta de recomendação de von Martius ao imperador D. Pedro II.⁴ O trio fundou, em 11 de janeiro de 1860, um estúdio de litografia

³ Em São Paulo, cabe destacar o *Diabo Coxo* (1864/1865) e o *Cabrião* (1866), periódicos que abrigaram as primeiras caricaturas e as críticas de Ângelo Agostini ao Estado Imperial. Já na Capital, além da *Semana Ilustrada*, circularam *O Bazar Volante* (1864) e o *Arlequim* (1867), tendo à frente Josef Mill, João Pinheiro Guimarães, Candido Aragonez de Faria, Antônio Alves do Valle, Flumen Junius (Ernesto Augusto de Sousa e Silva Rio), mais tarde reforçado pelos europeus Rafael Bordalo Pinheiro, Luigi Borgomaineiro e Ângelo Agostini. Os títulos multiplicavam-se: *A Vida Fluminense* (1868/1875), *O Mosquito* (1869/1877) e o *Mequetrefe* (1875/1893), este último com participação de Olavo Bilac e Arthur Azevedo. Redigido em francês, circulou o *Ba-Ta-Clan* (1867/1872), que se orgulhava de informar seus leitores sobre os eventos noturnos cariocas e as belas moças do Alcazar Lírico. O *Psit!!!* (1877) e *O Besouro* (1878/1879), do português Bordalo Pinheiro, e a *Revista Ilustrada* (1876/1898), famosa por expressar todo o ímpeto político de seu proprietário, o caricaturista Agostini, e por militar em prol da proclamação da República.

⁴ Henrique Fleiuss filho de família tradicional, o pai era doutor em Filosofia e Diretor Geral da Instrução Pública na Prússia Renana enquanto sua mãe, católica fervorosa e dona de casa, era filha do conselheiro professor da Universidade de Coblença. Henrique, ainda criança, mostrou aptidão para o desenho e cursou Belas Artes em Colônia e Dusseldorf e, depois, Música e Ciências Naturais em Munique, quando se tornou amigo e discípulo de Karl Friederich Phillipe von Martius, famoso por seus estudos e expedições botânicas em terras brasileiras e que mantinha relações próximas com a Corte Imperial e com o recém criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que reunia a elite intelectual brasileira. ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira. A trajetória de Henrique Fleiuss, da *Semana Ilustrada*: subsídios para uma biografia. In: KNAUSS, Paulo (org.) *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado. Rio de Janeiro*: Mauad X: FAPERJ, 2011, p. 53.

que, em 1863, ganhou o reconhecimento do Imperador e recebeu o título de Imperial.^{5 6} No final de 1860, na época de lançamento da *Semana Ilustrada*, Fleiuss anunciou a novidade por meio de cartazes-anúncios fixados em pontos estratégicos da cidade, como boticas e confeitarias da Rua do Ouvidor, prática até então inédita no País.⁷ Em função do sucesso alcançado e por desfrutar da amizade do Imperador, Fleiuss pôde conviver com a “boa sociedade” da corte, ou seja, a “reduzida elite econômica, política e cultural do Império, que comungava dos mesmos valores e comportamentos modelados na concepção européia de civilização”. (GUIMARÃES, 2006, p. 90)

No logo da revista, (ver figura 1) o Dr. Semana portava um exemplar da publicação na mão direita, enquanto na outra trazia um *clichê* (imagem sobre um vidro plano pequeno) para projeção numa lanterna mágica. Em volta do personagem e de sua lanterna mágica, um rol de outras figuras em pé, pulando e sentados formavam um quadro que inspirava desordem, humor e malícia. Esses personagens, que compunham estereótipos sociais da época, estavam na mira do sorriso e da piscadela do Dr. Semana, ou seja, vítimas do flagra que o olhar ligeiro da publicação propunha sobre a sociedade. Esse modelo de capa, que não foi modificado ao longo dos dezesseis anos da publicação, era acompanhado da máxima *Ridendo castigat mores*, postada no meio da lanterna mágica, importante para se entender o estilo de humor da revista.

⁵ Assim como Henrique Fleiuss, com o seu Imperial Instituto Artístico, vários outros produtos e fábricas receberam a denominação de imperial, o que não necessariamente envolvia questões monetárias. Mais do que esse tipo de incentivo, o título concedia ao estabelecimento legitimidade e poder simbólico, pois se tratava de reconhecer a qualidade e excelência do empreendimento, reconhecidos pelo poder estabelecido. Elevando-os, emblematicamente, a outro nível de excelência, a nomenclatura acabava por produzir uma espécie de selo de qualidade e distinção perante o mercado nacional. Sobre o tema ver: REZENDE, Lúvia Lazzaro. A circulação de imagens no Brasil oitocentista. In: CARDOZO, Rafael (org.) *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870 /1960*. São Paulo: COSACNAIFY, 2005, p. 52/53 e IPANEMA, Rogéria Moreira de. Distinção do Poder: título de imperial, as razões pelas quais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 170, nº 442, p. 249/266, jan/mar, 2009, p. 264/265.

⁶ O então Imperial Instituto Artístico prestava serviços variados ao público em geral e ao governo, que incluíam a produção de mapas, roteiros, plantas hidrográficas, livros, dicionários, cartazes de propaganda, rótulos, álbuns, revistas científicas e publicações ilustradas. Ao lado da *Semana Ilustrada*, merecem destaque alguns projetos importantes, caso da *Carta Geral do Império*, da coleção de vinte e nove vistas da Estrada de Ferro de D. Pedro II, e a reprodução da obra *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, de 1601. A empresa recebeu menções honrosas em todas as exposições nacionais e nas internacionais realizadas em Paris (1867), Viena (1873) e Filadélfia (1876). GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Henrique M. Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na corte (1859/1882). *ArtCultura*, Revista do Instituto de História/UFU, v.8, n.12, p. 85/97, jan/jun 2006, p. 90.

⁷ *Semana Ilustrada*: história de uma inovação editorial. In: Secretaria Especial de Comunicação Social. *Cadernos da comunicação: série memória*, 19. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria19.pdf> Acesso em: 13 de set. 2013.

Nos anos 1830 o jornal *La Caricature* (1830/1843) já trazia o dilema “Castigat ridendo mores”, castigar os costumes rindo, ditado e lema do teatro cômico que, exprimia a função moralizadora da comédia e da sátira. (SALGUEIRO, 2003, p. 15) Lúcia Paschoal Guimarães considera que o propósito do periódico não era apenas produzir o riso, mas também assumir uma função cívica e de caráter pedagógico, de propor idéias sãs, que evidenciassem os maus costumes sociais, com intuito de orientar o cidadão para a ação no espaço público. Nessas circunstâncias, o projeto editorial não buscava ofender a sociedade ou gerar conflitos, mas sim, com a sátira e o humor, corrigi-la e assegurar-lhe um futuro. (GUIMARÃES, 2006, p. 92)

Assim como o caricaturista Honoré Daumier (1808/1879) com os personagens Robert Macaire e Bertrand, e ainda o conterrâneo Wilhelm Busch (1832/1908) que fazia sucesso com histórias satíricas ilustradas da dupla Max und Moritz, Henrique Fleiuss criou duas personagens cômicas e irreverentes para comentar os assuntos candentes da sua revista: o Moleque e o Dr. Semana.

Grandes destaques da publicação, o mais novo da dupla era um jovem escravo alfabetizado, sempre pronto para auxiliar seu senhor branco, uma figura bizarra, dotada de cabeça avantajada, coberta por vasta cabeleira e que cultivava relações com a elite e circulava livremente pela corte, o que lhe oferecia oportunidades para observar condutas, acompanhar fatos e comentá-los com seu leal companheiro. Em cena, a dupla materializava a empreitada satírica da revista, que incluía a denúncia dos problemas urbanísticos da cidade, como passeios públicos inadequados, falta de arborização, insalubridade, inundações e a falta de abastecimento de água. No mesmo teor de criticidade, a precariedade dos serviços públicos, como o correio, a alfândega, os fiscais das águas paradas e a polícia eram deflagrados. A caricatura de capa da edição de número 70 exemplifica as “andanças” da dupla pelos cenários públicos da Corte.



Figura 2

Fonte: *Semana Ilustrada*, ano2, nº70, capa, 13 de abril 1862.

- Que edificio é esse nhonhô?
- É a Câmara Municipal, onde trabalham nove cidadãos prestantes para o bem público.
- Ah... E este campo tão sujo?
- Isto é o jardim da mesma Câmara, serve de norma para que os fiscaes aprendam a cuidar da limpeza nas ruas.
- De tal maneira, eu também queria ser fiscal, nhonhô.

Além das sátiras de costumes e das notícias relativas às peças e concertos que entretinham a boa sociedade fluminense, a *Semana Ilustrada* singularizou-se por fazer jus ao termo ilustrada e pelo predomínio da comicidade, na qual o contexto urbano do Rio de Janeiro ganhava expressão imagética a cada novo número. Os responsáveis pela publicação esforçavam-se por assumir a postura de rigorosos observadores, na confortável situação de quem assiste e reprova rindo. Destilando tom niilista, irônico e sagaz, o semanário denunciou exaustivamente a má administração pública que não criava estrutura para o avanço do país e não hesitou em entrar no debate acerca da “grande causa do progresso”, expressão consagrada na época.

O quadro apresentado pela *Semana Ilustrada* apontava que no passado o país dilacerava-se em brigas partidárias e revoltas, cujo último lance se dera em 1848 em Pernambuco. Desde então, um sistema de navegação e portos interligava as mais longínquas províncias e o “bárbaro e infame tráfico de escravos” havia sido extinto. Mato Grosso e Amazonas viam com prazer os flocos de fumo que anunciavam o progresso,

enquanto Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Pernambuco “contemplavam o perpassar veloz da locomotiva”. Ainda que a emigração estampasse números escassos, alemães e suíços “laboriosos e moralizados” já haviam aportado por aqui e graças ao crédito inglês o país tinha “um tesouro aberto às suas necessidades”.⁸ Assim, os avanços eram alicerçados pela certeza de que havia um bem maior a ser respeitado, um objetivo que pairava acima de qualquer interesse menor ou de afinidade partidária:

Que se deseja mais com tão curta vida política? Quer-se que de novo as intrigas políticas nos separem, quando nossa força está em nossa união?
Quer-se que retrogrademos no progresso, e que hoje surjam os lutuosos dias das revoluções de Minas, Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e Pernambuco?⁹

Mais do que erguer uma bandeira partidária, a *Semana Ilustrada* pregava constantemente a necessidade de assegurar um lugar para o país no concerto das nações. Os interesses pequeninos, as rinchas partidárias e a burocracia eram alvo de sátiras por serem encarados como empecilhos para o desabrochar pleno de uma nação que possuía potencial para abraçar o progresso. Segundo as páginas da *Crônica da meia noite*, mais do que grandes esforços para seguir rumo o progresso, a Pátria só demandava dos seus governantes liberdade para caminhar:

A Pátria: Caminho! Caminho! Quero seguir viagem; não gosto de ficar assim parada no mesmo lugar.
O governo segurando-a pela cintura: Espere meu bem; vai com tanta pressa?¹⁰

Aberta para aplaudir e acolher “toda ideia útil, toda intenção generosa, todas as provas evidentes de inteligência, de vocação, de merecimento profícuo à grande causa do progresso (...)”,¹¹ a revista do prussiano Henrique Fleiuss criou uma alegoria representativa do Brasil vivo, rumo à ascensão. Na figura 3, o Dr. Semana produz caricatura do Sr. Brasil, sustentado por lavoura bem desenvolvida, mas secundado por um comércio sem frutos e uma indústria seca.

⁸ Wagon: Quinta corrida. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 7, p. 2, 28 de jan. 1861.

⁹ Idem.

¹⁰ Crônicas da meia noite. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 3, p. 3, - de dez. 1860.

¹¹ Ridendo castigat mores. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº1, p. 2, -de dez. 1860.



Figura 3

Fonte: *Semana Ilustrada*, ano 1, nº15, p. 8, 24 de mar. 1861.

- Este quadro é para a exposição da Assembléa Geral. Sabes o que representa?
- Não, sinhô.
- Pois ouve, moleque: é o Brasil sustentado por três grandes troncos – a agricultura, comércio e indústria. Porém o comércio tem muitas folhas e poucos frutos, e a indústria está completamente seca. Só a agricultura floresce, mas sabe Deus como é um corpo sem braços.

Com o predomínio, na década de 1850, da chamada política de Conciliação partidária, Honório Hermeto Carneiro Leão conseguiu garantir estabilidade a partir da união entre os novos líderes conservadores e os antigos liberais. (CARVALHO, 2012, p. 103) No mesmo momento, uma linha regular de vapores Brasil-Londres, *Royal Mail Steam Packet Company*, entrava em funcionamento, diminuindo a nossa distância da Europa. Gêneros alimentícios (manteiga, queijo, batatas, biscoitos, presunto e toucinho), ferragens (enxadas, fechaduras, pás, facas, canivetes, plainas e pregos), relógios, móveis, remédios e instrumentos musicais aportavam aqui graças às profundas relações comerciais entre o Império e os armazéns, e oficinas britânicas. Se, entre 1850 e 1854, a importação de tecidos britânicos atingia quase $\frac{3}{4}$ de tudo o que era importado, um pouco mais da metade de café produzido no mundo saía dos nossos campos. O final da década de 1850 e os primeiros anos de 1860, ainda assistiam, segundo Chalhoub, "a hegemonia URBANA, V.6, nº 9, ago-dez, 2014 - Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas - CIEC/UNICAMP

inconteste da classe senhorial escravista”. Dentro dos ditames senhoriais, “o mundo era representado como mera expansão dessa vontade”, no qual acordos e alianças horizontais eram reprimidos para articulação de uma sociabilidade apenas vertical de mando e servilismo. (CHALHOUB, 2003, p. 41/58) Para fazer frente à situação de exclusão, os subalternos mobilizaram estratégias e aplicaram sua astúcia para encontrar espaços no interior da dominação de cunho paternalista.¹²

Com estabilidade política, aumento da importação das manufaturas europeias e sucesso comercial com a exportação cafeeira, o Sr. Brasil de Henrique Fleiuss (figura 3) cochilava tranquilamente em sua rede. O Império estava livre das agitações sociais e revoltas que marcaram as primeiras décadas do pós Independência e os rumores de desintegração territorial haviam ficado no passado. Com unidade territorial que assegurava ao país metade do continente e centralização política garantida pela monarquia, o Brasil era visto com muita suspeita pelas repúblicas hispano-americanas, o que não prejudicava de forma alguma o sono do Sr. Brasil, já que as aspirações de futuro estavam voltadas para a Europa e sua modernidade.

A alegoria que representava a Nação remetia ao romantismo indianista em voga, mas o nativo era convenientemente embranquecido e dotado de aparência física digna de um europeu. Ao modelo clássico androcêntrico, o índio forjado tinha ombros, braços e pernas longas e fortes, não possuía características afro-americanas ou aborígenes, e sim, referências físicas e vestimentas européias mescladas com o mito heróico de guerra nacional do romantismo. Seu cabelo comprido poderia ser interpretado como uma alusão ao messias da cristandade, enquanto o cocar de penas era a marca da sua brasilidade. O Brasil da *Semana Ilustrada*, representado pelo Sr. Brasil, era homem e branco, ou seja, tinha identidade de gênero e raça.

Com o crescimento econômico sustentado pela lavoura, o Sr. Brasil apresentava certa serenidade, que talvez fosse compartilhada com o público leitor. A ler literatura francesa e ouvir ópera italiana, a elite da Corte imperial construía o país socialmente pela

¹² Sidney Chalhoub esclarece que o paternalismo “trata-se de uma política de domínio na qual a vontade senhoril é inviolável, e na qual os trabalhadores e os subordinados em geral só podem se posicionar como dependentes em relação a essa vontade soberana. Além disso, e permanecendo na ótica senhorial, essa é uma sociedade sem antagonismos sociais significativos, já que os dependentes avaliam sua situação apenas na verticalidade, isto é, somente, a partir dos valores ou significativos sociais gerais impostos pelos senhores, sendo assim inviável o surgimento das solidariedades horizontais características de uma sociedade de classes”. CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 47.

ordem paternalista senhorial; economicamente pela lucratividade do café; e no que diz respeito à arquitetura, tinha por modelo a França. No entanto, o descontentamento do Dr. Semana era evidente com uma nação que ancorava seus recursos apenas pelo setor agrário. A época encantava-se pelo ferro e pelas chaminés das indústrias com sua fumaça, portanto, uma nação desprovida desses elementos era como um “corpo sem braços” na escalada íngreme do progresso.

Ancorado no fetiche das máquinas e na arquitetura portentosa que afiançavam o deslumbramento pelo futuro, o progresso apresentava-se como um ideal inquestionável. Numa época em que este ideal era intensamente desejado, a *Semana Ilustrada* era ágil para denunciar os impasses governamentais e o que julgava como disputas políticas improdutivas. Mais do que uma escolha, o progresso era a própria História acontecendo. No entanto, a imensa fé na *ideologia*¹³ em direção a um futuro pré-determinado era acompanhada por dúvidas e comportava, até mesmo, um lado ameaçador, compartilhado pela *Semana Ilustrada*:

As reformas do presente
É revolução latente
Que nos há de submergir
Pobre terra! Tem cuidado;
Tens um abismo cavado
Pronto pronto a te engolir.¹⁴

Segundo Anne McClintock, um lado sombrio acompanhava o discurso do progresso, pois “imaginar a degeneração em que a humanidade poderia cair fazia parte necessária de imaginar a exaltação que ela poderia imaginar”. (MCCLINTOCK, 2010, p. 80) No entanto, a ideia de progredir como nação não implicava em considerar apenas o lado físico e material de uma sociedade, mas sim o dos costumes e comportamentos que permeavam as relações sociais. Havia temor que tal busca não contabilizasse os efeitos das rápidas e turbulentas transformações, que poderiam acarretar desvio e queda

¹³ Aqui se utiliza o termo na acepção de Hannah Arendt: “(...) a ideologia difere da simples opinião na medida em que se pretende detentora da chave da história, e em que julga poder apresentar a solução dos ‘enigmas do universo, e dominar o conhecimento íntimo das leis universais ‘ocultas’, que supostamente regem a natureza e o homem.” ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 182.

¹⁴ O Parasita. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 34, p. 7, 04 de out. 1861.

irreparável no que se refere aos aspectos morais. Dessa maneira, a *Semana* manifestava certo saudosismo em relação ao esquecimento das velhas tradições, em prol de um futuro incerto, indicando tensão entre modernizar e conservar. Mais do que preocupar-se com um país sem indústrias, a *Semana* inquietava-se com a aparência que o país assumiria no futuro. Assim, na figura 4, O Dr. Semana acompanhou o Sr. Brasil até o alfaiate.



Figura 4

Fonte: *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 14, p. 4, 17 de mar. 1861.

Levou muito tempo a fazer esta farda, mestre Semana; mas ao menos o corpo e as abas estão muito chic. Além de bem talhadas e tudo feito com superior fazenda bordada a ouro fino, finíssimo mesmo. . . . Dou-lhe os meus parabéns! Assim ficasse tão bom [----]

Não tenha cuidado, Sr. Brasil; as mangas e a gola são muito difíceis de acertar, mas verá que elegância.

O costureiro diz que a roupa demorou um pouco para ser finalizada, mas que ficou muito “chic”. O Dr. Semana agradece a roupa europeia e branca, que permitia ao Brasil se apresentar dignamente para adentrar à modernidade, onde perfilaria ao lado das nações imperialistas. Pode-se afirmar que a demora relacionava-se à falta de estabilidade que reinou durante as primeiras décadas iniciais de vida da jovem nação. A crise econômica, a instabilidade política e as revoluções separatistas tiravam da nação independente a harmonia de uma unidade nacional e um sentimento de pertencimento

URBANA, V.6, nº 9, ago-dez, 2014 - Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas - CIEC/UNICAMP

mútuo a essa “comunidade imaginária” em construção, para retomar os termos de Benedict Anderson (1983). Entretanto, as crises políticas e sociais perderam alento no Segundo Reinado e a agricultura, principalmente a cafeeira, propiciava a entrada de capitais estrangeiros e de elementos do mundo material moderno europeu. Era preciso, tal como se via na caricatura da *Semana*, vestir com roupagens de país branco civilizado o índio brasileiro, transmutado em Sr. Brasil.

Sem temores de desintegração, desfrutando de estabilidade econômica e política, e com uma configuração social escravocrata sobre a qual se silenciava, o momento podia inspirar um Sr. Brasil harmonioso que agora queria tirar seus trajes selvagens e preparar-se para um futuro no qual os homens, vestidos “à inglesa”, e as mulheres, “à moda francesa”, circulariam por cidades que exibissem indústrias e atividades comerciais. No entanto, o Brasil precisaria de cautela refinada para lidar com as transformações que o futuro traria. Tratava-se, portanto, de encontrar um equilíbrio difícil, no qual certos aspectos deveriam ser administrados em prol de um lugar de prosperidade na linha de frente da História. Cautela essa que talvez justifique a distância em que o Moleque está alocado do Sr. Brasil e sua nova indumentária.

Ser proprietário de escravo era sinônimo de poder, mando e respeito. Ao participar de um suporte visual de informação que pretendia divertir as camadas letradas e mais abastadas da sociedade fluminense, o Moleque autenticava o lugar social do Dr. Semana no interior da aristocracia escravista. Mesmo assim, o que se vê é uma acomodação do Moleque no canto na caricatura. Nesse ajuste do Sr. Brasil aos paramentos da sociabilidade branca, o menino negro trabalhador é excluído. Não participa ativamente da mudança de aparência que o Dr. Semana quer para o país, mas ao mesmo tempo a vê, porque era personagem crucial no cenário da mão-de-obra nacional. A *Semana Ilustrada* procurava vestir o Brasil de maneira a colocá-lo na trilha da ascensão material e moral, de modo a deixar para trás, ou pelo menos minorar as suas características que o desviavam do futuro, apreendido na chave da modernidade.

As estradas de ferro construídas nos anos de 1850 e início de 1860, respondiam parte dos anseios dos que cobravam civilidade e desenvolvimento do país e da capital do Império. Em 1854, o porto de Mauá ligava-se a serra da Estrela e, logo depois, a Juiz de Fora. A estrada que uniu Porto de Caxias a Cantagalo facilitou a expansão oriental e a Estrada de Ferro Dom Pedro II alcançou a Serra do Mar. Fundamental para a economia foi a São Paulo Railway Company, construída pelos ingleses e inaugurada em 1867, que

ligou o porto de Santos a Jundiaí, passando pela ainda provinciana cidade de São Paulo. A estrada, que deu excelentes lucros aos seus acionistas, tinha localização estratégica e foi responsável pelo transporte de todo o café produzido no Estado de São Paulo e exportado pelo porto de Santos. (MATTOS, 1994, p. 14/57)

Dando possibilidades efetivas de lucro para interiorização da produção cafeeira, as ferrovias traziam a confiança de que o país caminhava no caminho para o futuro. O fato é que o Estado monárquico fez questão de atrelar sua imagem ao ferro do progresso que civilizava o espaço. Além de haver recebido o nome do Imperador, a Estrada de Ferro Dom Pedro II foi inaugurada, em 1858, com a presença da família real e do próprio Imperador, que acabou por conceder título de nobreza ao realizador - Irineu Evangelista de Souza tornou-se o Barão de Mauá.¹⁵

Porém, a *Semana Ilustrada* ia a todas as partes e fazia questão de relatar “os sublimes mistérios de nossas glórias, bem como de nossas misérias”,¹⁶ e assim relatou a calamidade em que se encontravam os espaços ao redor da estação e a ineficiência da polícia que permitia a presença de tantos carros, carroças e pretos de ganho que circulavam livremente pelo local. Ao fazer essa denúncia, a revista explorava a contradição de um país de “glórias e misérias”:

Abordemos à estação da estrada de ferro de D. Pedro II. Antes de lá chegar, olhemos para a direita e para a esquerda, para diante e para trás. Que belo panorama! A mais linda praça da América meridional transformada em lavadouro público, em praça do amansar burros, em lugar de despejo público. Viva a municipalidade! Chegamos à estação; entremos. Misericórdia! Não é possível atravessar por entre essa multidão de carros, tilburys, carroças, cocheiros e pretos de ganho. E o que faz a polícia?¹⁷

Para aqueles que compactuavam com a ideia de um Brasil no caminho do progresso europeu e longe da degeneração e atraso dos povos incivilizados, seria incômodo a presença do Moleque no momento em que o Sr. Brasil experimentava as suas vestimentas, a exemplo do que ocorria com a presença de pessoas e do movimento

¹⁵ Museu Imperial. A estrada de ferro. Em: <http://www.museuimperial.gov.br/exposicoes-virtuais/3022.html>. Acesso em: 16 de julho de 2013.

¹⁶ Wagon: Primeira corrida. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 4, p. 2, - de jan. 1861.

¹⁷ Wagon: Segunda corrida. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 4, p. 2, - de jan. 1861.

pouco ordenado de veículos nas vizinhanças da estação da estrada de ferro D. Pedro II, ícone que vestia a corte com as marcas do progresso.

Uma situação que certamente incomodava àqueles que pretendiam transformar o país num outro Sr. Brasil era o fato de que o censo de 1849 revelava que o Rio de Janeiro tinha “a maior concentração urbana de escravos existente no mundo desde o final do Império romano: 110 mil escravos para 266 mil habitantes”. (ALENCASTRO, 1997, p. 24) Se, desde 1808, com a chegada do Príncipe Regente D. João, a cidade havia conhecido transformações econômicas e urbanas de monta, a presença maciça de escravos e trabalhadores pobres pouco combinava com as mangas e golas da vestimenta européia do Sr. Brasil. A presença de trabalhadoras, lavadeiras, cocheiros e pretos de ganho na estação da ferrovia imperial empanavam o brilho dos bordados do traje do Sr. Brasil e dava um sentido particular ao cocar de penas na cabeça. Afinal, tratava-se de um Império localizado nos trópicos, com todas as mazelas que tal localização implicava no imaginário da época.

No terceiro domingo de fevereiro de 1861, propunha-se na *Semana Ilustrada* medidas visando auxiliar os poderes públicos na manutenção da limpeza das ruas. Perguntava-se como a primeira cidade da América Meridional oferecia “tão triste e repugnante espetáculo”, o que demandava, segundo os responsáveis pela revista, a eliminação urgente do triste espetáculo de animais mortos - como galinhas, porcos e perus arremessados na via pública - além de se ocupar da prática de se lançar ao mar, ou na própria cidade, os indesejáveis dejetos: “tendo a experiência mostrado o perigo a que estão expostos os olfatos descuidados, quando esses animais [as pessoas que transportavam os excrementos] andam à solta”.¹⁸ Antes da publicação de tais medidas, uma caricatura publicada no mês anterior, explanava o problema.

¹⁸ Memorial. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 10, p. 3, 17 de fev. 1861.



Figura 5

Fonte: *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 5, p. 4, - de jan. de 1861.

Laboratório Municipal
 Onde sai do cheiro mais perfeito
 A massa, ao mundo oculta e preciosa.
 Os Lusíadas – Canto X estr. 137

O tema era recorrente. Com sarcasmo, a revista mesclava a imagem dos escravos despejando excremento no mar com os versos do maior poema épico em língua portuguesa, *Os Lusíadas*. Já no comércio, eram as quitandeiras que incomodavam: “Perguntou-me um indiscreto porque razão deixa a câmara municipal que as quitandeiras invadam todas as praças, transformando-as em nauseabundas bodegas”.¹⁹ A revista anunciara que o Estado tinha despendido grande quantidade de dinheiro na construção de espaços próprios para a atividade comercial:

Primeira: temos na cidade três espaçosas praças de mercado, uma das quais está meio e outra completamente cheia... de lugares vazios. Para alevantar esses monumentos *arrequite-tonicos* despendeu o Estado gordas somas, e eles aí estão inutilizados (...) ²⁰

¹⁹ Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 3, nº 73, p. 2, 01 de maio 1862.

²⁰ Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 48, p. 3, 10 de nov.1861.

Apesar da existência das três praças, o Estado não conseguia deslocar as atividades, o que aborrecia o cronista, que queria uma atitude dos governantes frente ao domínio exercido pelos “negociantes de quimgombô”²¹ nos largos da Mãe do Bispo, da Sé e do Capim. Para a *Semana*, os quitandeiros, fossem eles “masculinos, femininos e neutros”, invadiam as praças, embaraçavam o trânsito e convertiam os espaços públicos em lugares nojentos e repugnantes.²²

A despeito de criticar de forma insistente, referindo-se, em crônicas e caricaturas, a pouca eficiência do governo para conduzir a nação em direção ao progresso, a *Semana* não desconhecia a importância do poder público e lhe atribuía a importante função de condutor e controlador eficiente e necessário: “O povo sabe que é um terrível menino, que não pode andar sem essas guias, únicos capazes de conter e reparar toda e qualquer travessura. Havia-lhe o povo negar sua adesão? Ora essa!”.²³ Dessa forma, era do Estado que *Semana Ilustrada* esperava medidas urgentes para a purificação dos trajés do Sr. Brasil.

Em 1860 mais do que o progresso individual, a senda rumo à perfectibilidade, as aspirações por riqueza, saúde e poder dependiam da intervenção do Estado na vida pública e privada. O heroísmo do progresso individual iluminista não era capaz de responder aos novos desafios, que passavam pela eliminação da pobreza e das contradições de classe e gênero. As filosofias políticas criadas no século XVIII, que garantiriam a liberdade e a fraternidade de uma nação, perdiam-se dentro de discursos que clamavam por medidas mais veementes. (MCCLINTOCK, 2010, p. 84/85) Assim, era por essas medidas mais efetivas que o Dr. Semana e seu público ansiavam para poder desfilar tranquilamente pelas ruas e passeios públicos, sem a presença indesejada de pretos de ganho, cocheiros, lavadeiras, tigres, quitandeiros femininas, neutros ou não, e mendigos. Pedindo que o governo pensasse sobre o assunto, a *Semana Ilustrada* tinha proposta segregacionista para resolver os choques sociais e culturais do seu tempo. Para poder tornar mais brilhante o figurino da cidade e também do Sr. Brasil, a mesma solicitava ao governo a criação de espaços vigiados por policiais que recebessem as pessoas pobres que circulavam no Rio de Janeiro:

²¹ Fruto da espécie da família do quiabo, a palavra contém uma mistura de linguagem indígena e africana. Ver: <http://www.brasiliana.com.br/obras/botanica-e-agricultura-no-brasil-no-seculo-xvi/pagina/55>. Acesso em: 16 de julho de 2013 e http://www.dicio.com.br/quingombo_3/. Acesso em: 16 de julho de 2013.

²² Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 48, p. 3, 10 de nov.1861.

²³ Debique político. *Semana Ilustrada*, ano 1, nº 2, p. 2, - de dez. 1860.

Para que a proteção em favor dos pobres seja completa, lembro ao governo a necessidade de ceder-lhes algumas loterias, cujo produto servirá para a construção de grandes alpendres que os abriguem do sol e da chuva, devendo ser os alpendres construídos nas proximidades dos corpos de guarda, para que esta proteja os bens dos mendigos contra ratoneiros, sempre tão mal intencionados.

Peço ao governo que pense sobre a utilidade dessa medida.²⁴

Com uma proposta social de proteção ambígua, o periódico de Henrique Fleiuss compartilhava com seu público a vontade de o Estado assumir um maior controle sobre a circulação das classes desfavorecidas. Mais do que a proteção dos mendigos, a proposta para construção desses alpendres satisfazia a ânsia por fronteiras sociais que assumiam contornos físicos nos quais os corpos de guarda estariam presentes para garantir sua efetividade.

Baseadas nos conceitos de degeneração e contágio, as fronteiras sociais organizavam-se a partir de uma leitura biológica. Identificava-se a pobreza como uma ameaça das “classes perigosas”. A paranoia e o pânico do contato com o sangue transmissor de impurezas justificava uma política sanitária excludente. (MCCILTOCK, 2010, p. 82) Na busca de enrijecer as fronteiras dos espaços higienizados, o controle tinha propósitos que se misturavam, desde a defesa da moralidade até o combate das enfermidades.

À medida que avançava o século XIX, não só no Brasil, mas em toda parte do globo tomado pelo Imperialismo das nações europeias, aumentavam as medidas administrativas contra relações abertas, concubinatos e costumes mestiços. (MCCLINTOCK, 2010, p. 83) Se pardieiros e cortiços eram vistos como canteiros de crime e cólera, os desejos pelas reformas urbanísticas reconheciam a necessidade de salubridade e combate as doenças que acometiam os mais pobres. Não tardou para que a ideia de salubridade física se articulasse à de salubridade moral, com a condenação de gestos, hábitos e práticas, que passavam a ser objeto de reprovação social e médica.

Em carta assinada *Um morador*, a *Semana* reproduzia opiniões de um leitor que fazia eco às queixas da revista.²⁵ Depois de parabenizar a publicação pelas denúncias, o

²⁴ Contos do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, ano 2, nº 53, p. 3, 15 de dez. 1861.

²⁵ É sempre problemática a questão das cartas ao leitor, pois não há como ter certeza que o texto foi realmente enviado à redação ou se foi produzido no seu interior.

leitor cobrava eficiência da polícia do Campo de Santa Ana. Sob o argumento de que pagava corretamente os impostos à nação, denunciava a presença, “na mais bela hora do dia”, de “pessoas na mais cínica posição”.²⁶ De fato, a carta tocava num tema que havia sido explorado no número anterior, por meio de caricatura:

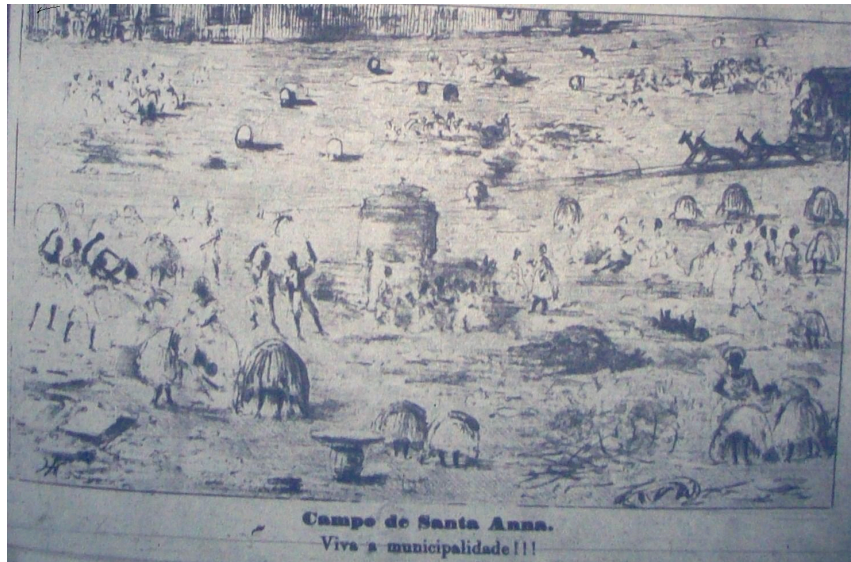


Figura 6

Fonte: *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 5, p. 5, 13 de jan. 1861.

Campo de Santa Ana
Viva a municipalidade!

Na feição caricata do Campo de Santa Ana, a *Semana Ilustrada* retratava e saudava, com ironia, a sociabilidade municipal que tanto execrava: negros, trabalhadoras, escravos e homens pobres livres. “Será possível que continuem essas cenas por muito tempo ainda? A exposição, assaz tenebrosa, das filhas de Guiné n’aquele local tão azo aos galanteios, entremeados de gestos indecentes e palavras obscenas, dos vadios e maltrapilhos.”²⁷ Na figura observa-se perto de uma centena de pessoas que a maioria está curvada e esfregando roupa, o que colocava em destaque a parte traseira dos corpos, enquanto outros grupos interagem de forma amistosa ou estão em confrontos e bate-bocas.

²⁶ *Semana Ilustrada*, ano 2, nº6, p. 3, 20 de jan. 1861.

²⁷ Memorial. *Op. cit.*

A temática do Campo de Santa Ana e de suas lavadeiras era corriqueira na revista, que em várias oportunidades voltou a pautar o local em que se reuniam as “filhas da Guiné” em suas lides cotidianas. De fato, o Campo era uma metáfora para todos os problemas urbanos da corte que a publicação esforçava-se por identificar e condenar. Local de “amansar burros” e de “despejo público”, por certo estava longe do que se esperava de um país civilizado e na senda para o progresso. Porém, a sensação de movimento da litografia faz pensar em um lugar cheio de vida, trabalho e comércio, encontros e diversão, como sugere o lado superior direito da imagem, na qual se vê uma carroça a entrar na cena. Pode-se supor que o cocheiro viesse encontrar outro negociante de quimombô ou pretendesse galantear alguma bela lavadeira. Os escravos denominados de feras, encarregados de se livrar dos dejetos humanos, quiçá também aparecessem para se livrar dos odores que os impregnavam e assim tirarem parte do estigma que carregavam. No Santa Ana, escravas, pretos de ganho e quitadeiras podiam dançar e cantar, como se observa no canto esquerdo inferior. A festança comportava mendigos e maltrapilhos, além de moleques e quitandeiros neutros que ali podiam namorar.

Na edição de número onze, a revista propunha que o Campo de Santa Ana fosse transformado em recreio público. A crônica *Excursão: passeios e jardins públicos* reivindicava a multiplicação de espaços como contenção do clima da cidade que, por sua vez, contribuía para a proliferação das doenças. A crônica exaltava a importância da cidade, capital de um imenso império, que recebia avultado número de estrangeiros que aqui vinham para comerciar ou viver e que necessitavam de espaços adequados de convivência.

Tudo, porém, se pode modificar. Se quisermos, as tarde no Rio de Janeiro, no tempo de verão, seriam amenas, e todas as classes da sociedade poderiam encontrar em passeios e jardins públicos belas horas de recreio, e mesmo muitas famílias ali iriam espalhar depois dos trabalhos domésticos.²⁸

A construção de passeios e jardins públicos poderia amenizar as tardes quentes e tornar a cidade aprazível, graças aos pequenos jardins, clareiras, “frondosas árvores”, “encantadoras e esquisitas flores” e estátuas célebres daqueles que tiveram grande

²⁸ Excursão: passeios e jardins públicos. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 11, p. 2, 24 de fev. 1861.

importância para o desenvolvimento da nação e da História. Na figura 6, como num sonho dourado, estrangeiros e a aristocracia local se congratulariam, num ato purificador, professando o futuro e cultuando um passado glorioso superado.

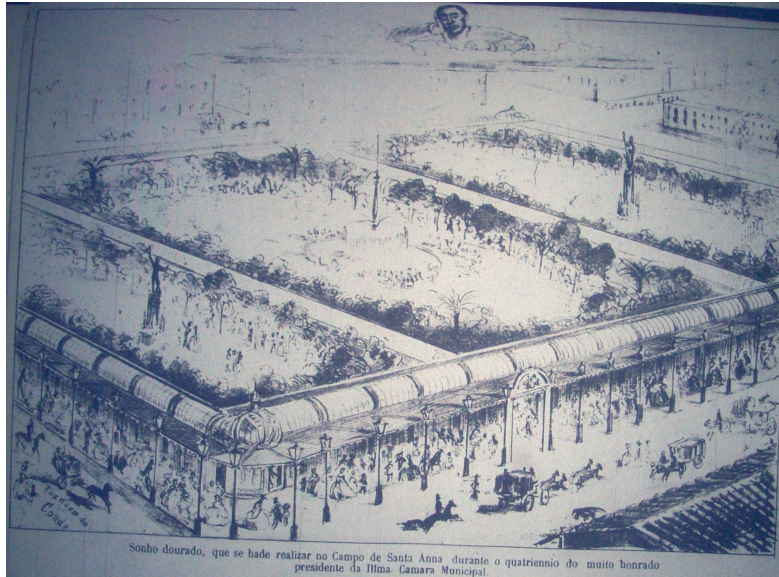


Figura 6

Fonte: *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 40, p. 8, 13 de set. 1861.

Sonho dourado, que se há de realizar no Campo de santa Ana durante o quadriênio do muito honrado presidente da Ilma. Câmara Municipal.

Para a folha semanal de humor, as epidemias e doenças comprometiam a imagem do Brasil no exterior e dificultavam a vinda de “braços estrangeiros” brancos.²⁹ As aspirações para o Campo de Santa Ana não eram diversas das que se projetavam para o país. A cidade indesejada (Figura 5) e o sonho de futuro (Figura 6) eram percebidos em termos duais: barbárie versus civilização, degeneração versus moralização, desordem manual versus estrutura material, inércia versus progresso, passado versus futuro, sujidade versus higiene, negro versus branco, doença versus saúde. Numa palavra, o Campo de Santa Ana era o pesadelo maldito da elite imperial.

Se o Campo de Santa Ana esteve tão presente nas denúncias da *Semana* era porque, de fato, incomodava muito, tinha o poder de colocar em questão a ordem. Por

²⁹ Idem.

certo a apreensão desse espaço não deveria ser a mesma para as camadas abastadas e os frequentadores cotidianos do local. Esses últimos, considerados racial, moral e economicamente inferiores, ali perambulavam com desenvoltura que não expressavam em outros pontos da cidade. Uma liberdade que resultava em sociabilidade “degenerada”, expressão e produção cultural perante a “civilidade” que os cercava. Dessa forma, o Campo entrou para as páginas da *Semana Ilustrada* por conseguir despertar desconforto em seus leitores, mas, ao mesmo tempo, como espaço de resistência para as camadas subalternas.

No plano de modernização da Corte, várias acepções e justificativas se justapunham para construir a mesma solução: excluir. Ora eram os pretos de ganho e os carroceiros que dificultavam saídas e chegadas da estação da estrada de ferro D. Pedro II ou o caos no trânsito produzido pelas quitandeiras. Os discursos de sanitização atingiam as feras e o lugar de ganho das quitandeiras que, também eram culpadas de afetar a moralidade cívica. A demanda por fronteiras cidadinas vinha legitimada por diferentes motes: ordem pública, contingência populacional, salubridade física e moral, clima e até mesmo filantropia, como o caso dos mendigos. Dependendo do tipo de embate, choque ou constrangimento cultural presente na cidade, o discurso era revestido e os argumentos remanejados, mas nem por isso deixava de trazer consigo a mesma finalidade, o isolamento social.

Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe (1997). Vida privada e ordem privada no Império In NOVAIS, Fernando A. & Alencastro, Luis Felipe. **História da vida Privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira (2004). **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier.
- _____ (2011). A trajetória de Henrique Fleiuss, da *Semana Ilustrada*: subsídios para uma biografia. In: KNAUSS, Paulo (org.) **Revistas Ilustradas: modos de ler e ver o Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ.
- ARENTD, Hannah (1989). **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BETHEL, Leslie (2012). O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo de. **A construção nacional 1830-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva.

CARDOZO, Rafael (2009). Origens do projeto gráfico no Brasil. In: CARDOZO, Rafael (org.) **Impresso no Brasil, 1808-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil.

_____ (2011). Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo (org.) **Revistas Ilustradas**: modos de ler e ver o Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ.

CARVALHO, José Murilo de (2012). A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (org.) **A construção nacional 1830-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva.

CHALHOUB, Sidney (2003). **Machado de Assis**: historiador. São Paulo, Companhia das Letras.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal (jan/jun 2006). Henrique M. Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na corte (1859/1882). **ArtCultura**, Revista do Instituto de História/UFU, v.8, n.12, p. 85/97.

IPANEMA, Rogéria Moreira de (, jan/mar, 2009). Distinção do Poder: título de imperial, as razões pelas quais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, ano 170, nº 442, p. 249/266.

MARTINS, Ana Luiza (2008). Imprensa em tempos de Império. In MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto.

MATTOS, Ilmar Rohloff de (1994). **O tempo saquarema**. Rio de Janeiro: ACEESS.

MCCLINTOCK, Anne (2010). **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

RASPANDI, Márcia Pinna (2011). Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império. In DEL PRIORE, Mary & AMANTINO, Márcia **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp.

REZENDE, Livia Lazzaro (2005). A circulação de imagens no Brasil oitocentista. In: CARDOZO, Rafael (org.) **O design brasileiro antes do design**: aspectos da história gráfica, 1870 /1960. São Paulo: COSACNAIFY.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (2003). **A comédia urbana de Daumier a Porto Alegre**. São Paulo: Museu de Arte Brasileira - Fundação Armando Álvares Penteado.

Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial (2007). In: Secretaria Especial de Comunicação Social. **Cadernos da comunicação**: série memória, 19. Rio de Janeiro: Secretaria. Disponível em:

<http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria19.pdf

> Acesso em: 13 de set. 2013.

TELLES, Angela Cunha da Motta (2010). **Desenhando a nação**: revistas ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860-1870. Brasília: FUNAG.